

Hegemonia e estereótipo no discurso da TV Revolta¹

Hegemony and stereotype in TV Revolta's discourse

Ercio Sena², Juliana Gusman³

1 A primeira versão deste texto foi apresentada no seminário Polarizações, promovido pelo Grupo de Pesquisa Mídia e Narrativa, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, de 3-5 de novembro de 2015.

2 Doutor em Letras pela PUC Minas. Mestre em Comunicação pela UFMG. Docente no curso de Comunicação Social da PUC Minas. Coordenador do Curso de Comunicação Social e chefe do departamento de comunicação da PUC Minas. Participa do grupo de pesquisa Mídia e Narrativa da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. E-mail: erciosena@gmail.com.

3 Graduanda em Comunicação Social pela PUC Minas. Bolsista de Iniciação Científica pelo Probic/Fapemig. Integrante do grupo de pesquisa Mídia e Narrativa da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. E-mail: jugusman@terra.com.br.

Resumo

O artigo trabalha cinco postagens da TV Revolta, página com grande expressividade no *Facebook*, realizadas entre os dias 16 e 20 de outubro de 2015, momento em que foram refletidas manifestações sociais ancoradas em ideais conservadores. A partir da problematização dos embates existentes entre as culturas dominante e popular no Brasil, pretende-se analisar o conteúdo e o discurso da página, relacionando-os ao pensamento hegemônico, a partir de cinco eixos temáticos. Para orientar a análise, são propostos, como eixos: 1) a crítica à mulher; 2) a apropriação dos símbolos nacionais; 3) a criminalidade; 4) a ridicularização da pobreza; e 5) a cultura da ralé. Dessa forma, procura-se sondar as relações entre esses discursos e estereótipos comuns que designam a cultura popular.

Palavras-chave

Estereótipos, cultura, política, discursos.

Abstract

The article studies five posts of TV Revolta, a page with great expressiveness in Facebook, held between the 16th and 20th October 2015, at which time social manifestations anchored in conservative ideals were reflected. From the questioning of the existing ties between dominant and popular cultures in Brazil, we aim at analyzing the contents and the page discourse, connecting them to hegemonic thinking, through five main themes. To guide the analysis, the proposed axes are: 1) criticism towards women; 2) the appropriation of national symbols; 3) the criminality; 4) the ridicule of poverty and 5) the mob culture. This way we seek to probe the relationships between those discourses and common stereotypes that designate the popular culture.

Keywords

Stereotypes, culture, politics, discourses.

Tendo em vista certa liberdade discursiva oferecida pelo ciberespaço, o presente artigo pretende identificar e analisar discursos de produtos midiáticos em diálogo com aspectos culturais e políticos dentro e fora do lugar virtual. O foco desse intento está na identificação e na análise do conteúdo produzido no contexto das manifestações de agosto de 2015, de modo a refletir a articulação entre as posições políticas e o pensamento hegemônico brasileiro. Criada em 2010, a TV Revolta tem no Facebook sua maior expressividade. Por meio de postagens regulares de imagens, textos curtos e vídeos, divulga posições que atacam personalidades políticas e o atual governo, suas ações e projetos sociais. O discurso se articula com estereótipos da cultura na defesa de valores e posições políticas. É crucial considerar tanto o potencial da página de formar e reformular opiniões como a maneira com que o discurso social existente e enraizado na sociedade brasileira é refletido por ela.

A TV Revolta é opção para formar a opinião pública, mesmo sem se comprometer com o rigor da apuração e da reprodução de fatos. Com isso, propõe-se analisar as estratégias discursivas empregadas para garantir a aceitação do conteúdo divulgado. Para essa finalidade, o artigo traz cinco postagens, feitas entre os dias 16 e 20 de agosto de 2015. Optou-se por trabalhar imagens produzidas pelo próprio canal, que foram escolhidas em função de cinco eixos temáticos definidos como instrução de análise: 1) a crítica à mulher; 2) a apropriação de símbolos nacionais; 3) a criminalidade; 4) a ridicularização da pobreza; e 5) a cultura da ralé. Com base nesses critérios, foram selecionadas as imagens mais compartilhadas e curtidas. Dessa forma, se pretendeu abarcar os principais assuntos tratados pela página, articulando-os com estereótipos culturais que caracterizam o pensamento hegemônico hodierno.

Cultura e estereótipo

O propósito desse trabalho encontra-se na articulação da cultura brasileira e do discurso ideológico da TV Revolta. Como contribuição ao debate sobre os elementos simbólicos que designam a cultura brasileira, popular e hegemônica, é importante retomar autores que se dedicam a refletir esses aspectos. Williams (1992) destaca alguns significados sobre cultura: desde um estado mental desenvolvido como referência a uma pessoa considerada culta até os meios pelos quais os processos de conhecimento se dão, por meio do trabalho intelectual e artístico. A dificuldade na elucidação do termo encontra-se em sua flexibilidade. As várias percepções de "cultura" coexistem e se articulam.

Em uma tentativa de explicitar o embate, Williams oferece duas formas principais de afluência das várias definições de cultura: as perspectivas idealista e materialista. A primeira enfatiza o espírito formador de um modo de vida

global, que se reflete em todas as atividades sociais, “especificamente culturais”. A segunda prioriza uma ordem social global, que considera os estilos de arte e o trabalho intelectual como fruto de uma ordem previamente estabelecida por outras atividades sociais.

Williams avulta a convergência das duas perspectivas. Com o viés da sociologia da cultura, utiliza elementos da visão materialista, como a ordem social global, reconhecendo que as práticas culturais não procedem unicamente dessa ordem social, mas são elementos fundamentais de sua constituição. A cultura, em suma, se apresenta como um modo de vida que abarca um sistema de significações envolvido em toda atividade social.

Um aspecto essencial apresentado por Williams é a concepção de reprodutibilidade, que está implícita no conceito de cultura. O autor ratifica: a cultura é um modo de reprodução. O sistema de significações que engloba práticas sociais perderia seu significado se não fosse reprodutível, compartilhável. Cabe destacar que a reprodução aqui tratada não remete à noção de cópia. Articulações são feitas nesse processo seletivo e efetivamente definido pelas relações sociais existentes. A cultura não é reproduzida mecanicamente, mas é continuamente ressignificada em diálogo com tensões sociais.

A cultura é, antes de tudo, lugar de conflitos. Ela se confronta constantemente com relações sociais de natureza dinâmica, dominantes ou emergentes. Na produção cultural, são evidentes as condições de dominação, fortalecidas, de certa forma, por instituições. O autor destaca o vínculo entre dominantes e dominados: os primeiros têm plena consciência de seu papel, enquanto os segundos encaram a dominação como natural e necessária, em uma vinculação verticalizada. Quanto às práticas emergentes, cabe resistir à absorção das formas dominantes, ou até mesmo superá-las e, talvez, substituí-las. E é na resistência, de acordo com Hall (2003), que a cultura popular tem mais expressividade.

O “popular” é quase tão difícil de definir quanto “cultura”. Imagina-se, então, o desafio que representa a junção dos dois termos. Para Hall, o princípio estruturador do “popular” são as tensões entre o que pertence ao domínio central da elite e à cultura de periferia. A dialética existente entre o popular e o não popular em determinado contexto é o que sustenta o conceito. A definição está justamente no esclarecimento da diferença entre o que é “do povo” e o que é “da elite”. Ou seja, as formas e atividades que em certa época estiverem incorporadas nas condições sociais e materiais das classes periféricas podem ser reconhecidas como populares, principalmente ao se considerar sociedades capitalistas contemporâneas.

Hall acredita que há uma luta desigual ao salientar a desestruturação constante da cultura popular, por meio de incorporações, distorções, negociações e recuperações. Para o autor, as indústrias culturais têm o poder de remodelar

continuamente o que a cultura popular representa. Podem reformular suas concepções de forma a ajustá-las às descrições da cultura hegemônica. Por mais que o popular, como destacado por Hall, seja vinculado à resistência e à luta, cabe assinalar que se trata de enfrentamentos irregulares e desiguais, nos quais a cultura dominante aposta na desorganização incessante da cultura dos comuns, enfraquecendo-a. E tal empreitada é usualmente exitosa. Como efeito dessa perspectiva, é possível delinear o papel da TV Revolta como meio de reproduzir estereótipos da cultura hegemônica.

Os estereótipos culturais

O ponto central, para o qual convergem as ações e a análise dessas formas, é problematizar compreensões que a sociedade brasileira tem de si. Para Souza (2011), as vozes do senso comum propagam que os problemas enfrentados no Brasil são amplamente conhecidos. São questões advindas de um “mal de origem”. O que o sociólogo percebe é que essa crença impede que o indivíduo enxergue desafios sociais e culturais essenciais. O senso comum, que guia essas ações e pensamentos, está imbuído de uma cegueira paralisante. Não se pode procurar resoluções para problemas dos quais não se percebe, sequer, a existência. Tal prática obnubila a compreensão do mundo que o cerca, e não permite que seja visto nada diante da neblina. Os estereótipos culturais agem com o poder de uma névoa que encobre essas relações.

Na maior parte dos casos, nós não vemos primeiro e depois definimos, nós definimos primeiro e então vemos. Na grande confusão vigorosa, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura (LIPPMANN, 1922, p. 85, tradução nossa).⁴

Conforme Mussalim e Fonseca-Silva (2011), o termo *estereótipo* tem sua raiz etimológica na palavra *stereo*, que significa sólido ou firme. Nas Ciências Sociais, especialmente no início do século XX, o vocábulo passou a ser usado para denotar algo fixo ou rígido. Lippmann (1922) tratou estereótipos como imagens mentais, rígidas, que se relacionam com grupos sociais não conhecidos. Salienta, ainda, que a estereotipização é um processo inevitável.

Bossi (1992) também reconhece sua inevitabilidade. Trata-se de uma simplificação no processo de conhecimento, mediado por recortes culturais e

⁴ Do original: “For the most part we do not first see, and then define, we define first and then see. In the great blooming, buzzing confusion of the outer world we pick out what our culture has already defined for us, and we tend to perceive that which we have picked out in the form stereotyped for us by our culture”.

instituições sociais. No entanto, romper com a inércia que perpetua as concepções vindas da estereotipização é um desafio social muitas vezes não enfrentado. Para a autora, a sociedade é empobrecida diante da indisposição para o exercício da percepção. As mediações impostas pela cultura imobilizam a consciência individual e desestimulam o pensamento reflexivo. O estereótipo não se limita à função de facilitar a compreensão, consolidando-se como suposto conhecimento.

Qual é, portanto, a visão que impera nos olhares da sociedade brasileira? Quais estereótipos congelam reflexões? O mito da brasilidade ancora-se em concepções introduzidas pelo pensamento de autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Tais pesquisadores são abordados por Souza não por aspectos ideológicos de seus trabalhos, mas pela força dos apontamentos que se enraizaram no saber comum. Tais posições tornaram-se verdades no consenso social, tanto pelo renome dos autores como pela falta de uma contra-afirmação.

Freyre é motivador, conforme Souza, da estruturação do mito da brasilidade. Ele responde por fazer uma inversão especular da visão que predominou até 1933, que considerava o componente racial um aspecto problemático que cerceava a construção de um mito nacional exitoso. Freyre não propôs nenhum componente inédito em sua análise: apenas transforma a mistura de raças como algo positivo da identidade brasileira.

A emocionalidade, a ênfase dos sentimentos, a cordialidade, e, "last but not least", a sensualidade, são elementos compreensíveis nesse contexto. São eles que darão suporte "teórico" à evidência "empírica" da mestiçagem brasileira e ao fato - isso é o mais importante - de que ela possa ser pensada não como resultado do absoluto poder que os homens brancos tinham sobre mulheres negras e índias, mas como uma predisposição cultural positiva e altamente valorável (SOUZA, 2009, p. 54).

A partir dessa proposição, Freyre criou o conceito de "plasticidade", característica luso-brasileira singular e positiva. Foi por meio dessa concepção que Holanda encontrou os alicerces para consolidar o conceito de "homem cordial". Para Souza, Buarque foi o grande sistematizador das ciências sociais brasileiras no século XX. E, unindo esse conceito com as teses do "personalismo" e do "patrimonialismo", edificados como marcas da cultura brasileira, tem-se a tríade que determina uma forma importante com a qual o brasileiro olha para si como indivíduo e como parte de um grupo social.

A cultura do personalismo proporciona o *ethos* necessário para a existência do homem cordial, ou seja, "literalmente o homem que se deixa levar pelo coração, pelos bons ou maus sentimentos e inclinações que acompanham a nossa vida

afetiva espontânea” (SOUZA, 2009, p. 55). Trata-se de um sujeito inerentemente conciliador, imbuído de afabilidade, generosidade e hospitalidade, cuja emoção exerce domínio sobre a razão. Cria-se, a partir das concepções dos autores explicitados por Souza, a crença que o sujeito brasileiro é moldado por relações familiares e distanciado de relações que exigem a racionalidade instrumental, como questões ligadas às esferas política e econômica.

Nesse cenário, desponta o patrimonialismo, ou seja, a visão na qual o Estado, distante do universo que compreende as relações do homem cordial, é envolto por uma gestão política baseada em interesses particulares, diferente do que se caracteriza como públicos. É o que enxergam os olhos da academia e do senso comum, defende Souza. Mais importante que elucidar a crença nas teses do personalismo, do patrimonialismo e do homem cordial é o reflexo de tais crenças na percepção que o brasileiro tem de si e de seu grupo social.

O homem cordial, imerso na lógica do personalismo, que pauta suas ações em sentimentos e concepções de bem e mal, tende a aplicar sua lógica afetiva, de acordo com Souza, na forma como encara suas relações sociais. Articulado ao patrimonialismo, que acredita em um Estado distanciado de interesses públicos, o personalismo permite que o sujeito brasileiro crie uma relação de cunho emocional com o Estado. No caso, por percebê-lo como uma instituição delineada por interesses individuais e não por outros que de fato atendem ao povo brasileiro, o sujeito vê o Estado como antagonista, oposto às prioridades da sociedade à qual pertence.

Freyre aposta em uma relação antagônica, porém equilibrada, das diferentes culturas que caracterizam a sociedade brasileira. O país seria uma democracia social em consequência de ser uma democracia racial. Dessa forma, desde o começo do século XX e da sistematização do pensamento sociológico nacional, são desconsiderados os problemas enfrentados por determinadas classes no processo de integração nacional – e são ignoradas distinções raciais. A perspectiva do autor, reafirmada em outros trabalhos, forja a ideia de uma ordem social aberta a todos, indiscriminadamente.

Os apontamentos feitos explicitam, até certo ponto, como o indivíduo brasileiro encara a realidade social a partir das relações que estabelece com o Estado, com políticas de gerenciamento. Mas, em uma sociedade capitalista contemporânea, a esfera econômica influencia tanto o modo de ser como a esfera política. Se o Estado é demonizado, o mercado é o lugar da virtude divina. Souza acredita que a forma como a sociedade brasileira percebe seus problemas sociais e políticos é embebida por vieses economicistas e quantitativos que reduzem a complexidade da realidade social.

Como comparar um sujeito de classe média alta que pertence a uma família estruturada que não lhe deixou faltar amor, dedicação e ternura com um sujeito da classe baixa, ou “ralé brasileira”, como chama Souza, que divide teto com a violência? Como comparar o sujeito que, desde cedo, é ensinado sobre a importância dos estudos e da escola com o sujeito filho de pais analfabetos, que nunca pisaram em uma sala de aula para compreender sua real importância? Como comparar um sujeito que planeja com antecedência seu futuro com aquele que não tem certeza de sobreviver ao dia seguinte?

E, assim, o economicismo e a meritocracia, combinados às visões patrimonialista e personalista, legam à sociedade brasileira um contexto no qual o privilégio é legitimado como justo. Parte-se do pressuposto de que indivíduos de diferentes classes possuem capacidades iguais, creditando a miséria ao acaso ou à indisposição do “miserável” de lutar por ascensão. E, uma vez que o problema seria uma questão de gerenciamento, caberia ao Estado, e não à sociedade, encontrar formas de solucionar os problemas sociais.

A indústria cultural, por meio de produtos informativos e de entretenimento, é a dimensão que reproduz a vida simbólica. A mídia, nas mais diversas plataformas, traz, em sua fala, discursos sociais do contexto no qual se encontra. E as vozes dos detentores de capital econômico e do capital cultural legitimado se fazem ouvir com maior facilidade. Parte-se do pressuposto que o discurso da TV Revolta nutre e é alimentado por uma perspectiva cultural hegemônica e elitista. O que move a investigação é elucidar a visão desse pensamento em relação às classes populares, com base nos conceitos que foram apresentados por Souza, sem negligenciar a real complexidade do popular no Brasil.

As manifestações de 2015

Em 2015, três grandes manifestações conservadoras foram articuladas em decorrência de diversos fatores: insatisfação com o governo eleito, descontentamento com a economia e o sentimento de revolta diante das denúncias de corrupção trazidas pela Operação Lava-Jato⁵, para citar alguns. As pautas levantadas estavam fundamentadas em ideais conservadores ligados ao capital cultural hegemônico. Opta-se por focar no contexto da última grande manifestação, no dia 16 de agosto de 2015, recorte temporal proposto pelo artigo.

Em uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação da professora Helcimara Telles, do Grupo Opinião Pública, foi

5 A Operação Lava Jato é considerada a maior investigação sobre corrupção conduzida no Brasil. Seu início se deu na investigação de uma rede de doleiros que atuavam em todo o território nacional. Descobriu-se a existência de um amplo esquema de corrupção na Petrobras, envolvendo políticos de vários partidos e as maiores empreiteiras do Brasil.

possível traçar o perfil dos que foram às ruas em Belo Horizonte (MG). Dentre os principais aspectos dos manifestantes que ocuparam a Praça da Liberdade, pode-se destacar que 96,1% classificam o Governo Federal como ruim ou péssimo; 46,8% apoiam, em alguma medida, a intervenção militar; 64,7% são contra cotas raciais; 74,5% são a favor da redução da maioria penal; 52,1% acreditam que os nordestinos têm menos consciência na hora de votar; 41,5% defendem a pena de morte; 74,5% acreditam que pessoas ajudadas por programas sociais ficam preguiçosas; 74% afirmam que os pobres são mais desinformados na tomada de decisões políticas; 78,6% são contra o Movimento dos Sem Terra; 53% são a favor do porte de armas para cidadãos honestos; 40,8% acreditam que a melhor solução para o país é o *impeachment* de Dilma (TELLES, 2015).

Apesar da pluralidade de ideias e opiniões dos que participaram da manifestação contra o governo, algumas pautas sobressaíram a outras. Os seis mil belo-horizontinos, independentemente de suas singularidades, entoaram um coral que defendia, principalmente, o *impeachment* da presidente eleita, a intervenção militar e o armamento da população "de bem". Acreditam que a crise econômica, e não a desigualdade social, é um dos maiores problemas que o país enfrenta. Lutam contra a corrupção elegendo, como ícones desse movimento, o senador Aécio Neves e os deputados Eduardo Cunha e Jair Bolsonaro. Apesar de as manifestações do dia 16 de agosto serem qualificadas como populares, o uso do termo pode ser questionado. Os discursos proferidos estão inscritos, certamente, no pensamento hegemônico vigente.

O pensamento hegemônico nas redes sociais

A crítica à mulher



Figura 1: Crítica à mulher. Fonte: TV Revolta. Curtidas: 1.183. Compartilhamentos: 6.659.

A imagem opera com preconceitos e valores. Reproduz rituais de exorcismo, práticas ligadas, principalmente, à Igreja Católica, empenhadas em expulsar o demônio do corpo de fiéis e realizadas somente após extensas investigações que comprovem presença maligna no corpo. Se, no catolicismo, o ritual é sigiloso e historicamente estigmatizado, na Igreja Evangélica opta-se pela espetacularização da prática. De qualquer forma, o esconjuro questiona a legitimidade e propõe retirar o poder que não pertence à presidente. A fala do padre faz referência, ainda, à frase “sai desse corpo que não te pertence”, facilmente identificável, no senso comum, às práticas de exorcismo. No caso, a palavra “corpo” foi trocada por “cargo”. Na lógica do trocadilho, pode-se aferir que Dilma é comparada ao Diabo.

O gesto do exorcista indica movimentos que sugerem o uso da força contra a mulher, subjugada em posição de recolhimento, aceitação e subserviência diante do justo castigo que lhe é aplicado. Os olhos fechados e o leve sorriso são reveladores do consentimento de quem já não resiste, nem pode se defender. A exposição dos dentes protuberantes e a gordura acentuada evidenciam o que pode ser identificado com o feio, em contraste com o ideal publicitário do belo. Ainda, tem-se a impressão que o rosto da presidente está sujo no lado direito. Uma marca similar a uma pinta pode ser percebida em sua face, em referência às verrugas de bruxas em desenhos infantis.

O intuito é evidenciar a inadequação entre a forma de se aparentar, se vestir e a imagem ideal requerida para o exercício do poder. São reforçados os elementos da cultura que apontam para a dissintonia entre o ideal da autoridade em contraste com a representação estereotipada da presidente. O vermelho da roupa, da pulseira, do brinco, do sapato e dos cabelos destacam a cor que simboliza a cultura e os pensamentos de esquerda que se pretende condenar. Não só pelo discurso que se combate, mas também na forma em que se apresenta a presidente, esses valores são difundidos, buscando aproximá-los de identificações que a fragilizam.

A apropriação de símbolos nacionais

A apropriação dos símbolos e cores da nacionalidade brasileira é utilizada como contraponto às cores do Partido dos Trabalhadores (PT) e de movimentos tradicionais de esquerda. A dicotomia “A favor do Brasil” *versus* “A favor do PT” propõe mostrar que os objetivos do governo e de seus apoiadores divergem dos interesses da suposta maioria dos brasileiros. A imagem associa os ideais representados no poder com os de um pequeno grupo que detém o monopólio dessa representação, afastado e isolado dos interesses dos verdadeiros brasileiros. O maniqueísmo reforça o senso comum para promover uma visão negativa do Estado e da presença dele na vida dos indivíduos. O governo do PT estaria a

serviço de grupos específicos, em detrimento dos interesses públicos da parcela mais expressiva da população. Procura evidenciar uma única leitura dicotômica da realidade política, aquela que interessa ao pensamento hegemônico. Outras visões não têm espaço nesse enquadramento. A realidade composta de um mosaico de forças é reduzida a dois movimentos para simplificar e tornar a complexidade imperceptível. As visões que se confrontam com a perspectiva dominante e majoritária são desencorajadas, constrangidas.



Figura 2: Apropriação dos símbolos nacionais. Fonte: TV Revolta. Curtidas: 2.430. Compartilhamentos: 5.177.

Na disputa pelo que representa ou não o Brasil, o confronto se faz no apagamento dos ideais e projetos que sustentam as diferenças em litígio. O intuito é afirmar a velha condição hegemônica como nova, portanto, alternativa. A disposição de refundar sentidos do nacionalismo em velhas representações serve para embalar concepções encanecidas com a roupagem dos movimentos populares. Duas formas de manifestação culturais são confrontadas. Uma legítima, identificada com a “verdadeira” brasilidade, outra minoritária, exclusivista, egoísta e adversária no contexto de uma disputa política. A pequena adesão aos apelos de um grupo determina a emergência das forças de oposição, mostradas como agregadoras, capazes de reunir aglomerados amplos e, portanto, representativos. Apontar o isolamento das forças de esquerda indica a fragilidade do lastro que o poder tem com a maioria da sociedade. Os valores liberais, identificados com o verdadeiro Brasil, fazem contraponto às forças de esquerda, sem legitimidade e representação social.

Criminalidade



Figura 3: Criminalidade. Fonte: TV Revolta. Curtidas: 619. Compartilhamentos: 2.424.

Os deputados federais Jean Wyllys e Maria do Rosário, que atuam em favor dos direitos humanos e também contra a redução da maioria penal, são apresentados como bandidos. A democracia traz o alargamento não só de políticas, mas também da defesa do cidadão, preservando garantias individuais. Ao se colocar ao lado dessas conquistas, os deputados são denunciados como bandidos, apresentados como agentes desestabilizadores da segurança. A atuação de ambos na Câmara Federal, a casa legislativa, é proposta como lugar onde se abrigam posições e práticas criminosas, pouco interessadas no combate ao crime. A atuação dos parlamentares é apontada como extensão da rede delinvente. Afirma-se o viés autoritário, imbuído de uma visão simplificadora da estrutura social com foco na repressão das classes populares para garantir a segurança pública para as classes dominantes.

O enquadramento proposto é simples. Reduzir a maioria penal reduz a violência, diminui a incidência de crimes e protege a sociedade. Na negação desses propósitos estão bandidos que agem em diferentes esferas da sociedade, inclusive no Congresso. Como efeitos da afirmação desses discursos, o descrédito das instituições encoraja a violência privada a promover justiça, em função da inépcia de um Estado que não regula, não pune e não dá exemplo. Ao contrário, impulsiona o crime.

Ridicularização da pobreza

**EU GASTO MILHÕES COM PÃO COM
MORTADELA E VOCÊS ME FAZEM
PASSAR ESSA VERGONHA**



#TÔPASSADA

Figura 4: Ridicularização da pobreza. Fonte: TV Revolta. Curtidas: 1.299. Compartilhamentos: 4.203.

As classes inferiores são ridicularizadas pela forma como se comportam e pelas escolhas que fazem. A foto da presidente com mão no rosto indica incredulidade diante do comportamento das pessoas compradas a preço de pão com mortadela. Miseráveis, consumidores do alimento barato, desencantam e não cumprem com a expectativa da presidente admirada com o comportamento deles. Outra vez os hábitos identificados com modos de ser das classes populares são descartados como signo da inferioridade daqueles que não têm bom gosto, nem os méritos das elites. A frase “Eu gasto milhões com pão com mortadela e vocês me fazem passar essa vergonha”, pode traduzir três ideias.

A primeira acusa a inferioridade econômica, indicando o que lhes é próprio consumir, por conta do poder aquisitivo que possuem. A segunda mostra desapontamento com o comportamento, provavelmente absurdo, e que não há outra coisa a se esperar dos populares, considerando o capital cultural que esses grupos têm. Por fim, a decepção pelo gosto e pelas atitudes invariavelmente condenáveis e chocantes da ralé que apoia a presidente. O gosto popular os distingue e é percebido naturalmente. A naturalidade dessa visão constrói as bases de uma dominação simbólica, fundada no preconceito contra a cultura e as práticas das classes populares. Não apenas a realidade econômica é apontada para caracterizar o popular, mas também os aspectos culturais, vistos sob a forma de seus estereótipos mais comuns. Esses diferentes fatores se entrecruzam, mostrando essas características como traços próprios de indivíduos desse lugar. O preconceito aqui afirmado aparece sempre como sugestão, não se assume enquanto tal, opera como um valor naturalizado na definição dos grupos identificados em clichês vinculados à hierarquia social.

A cultura da ralé

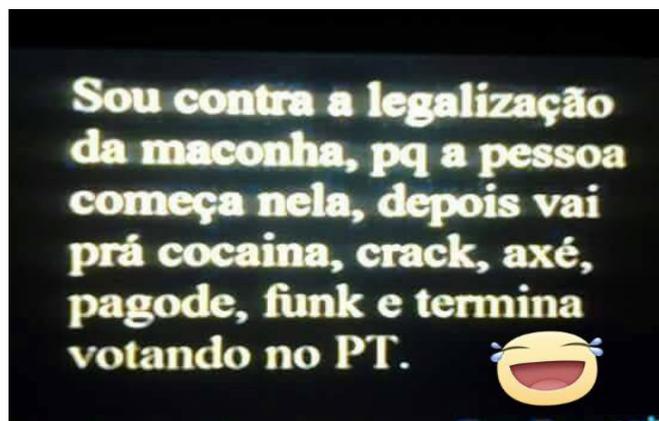


Figura 5: A cultura da ralé. Fonte: TV Revolta. Curtidas: 4.475. Compartilhamentos: 4.784.

A figura, inicialmente, sugere problematizar a questão da legalização da maconha, tema recorrente nos embates políticos atuais: em agosto de 2015, o Supremo Tribunal Federal deu início ao julgamento sobre a descriminalização do uso e do porte de drogas no Brasil. No entanto, conforme Rossi (2015), o Ibope constatou, por meio de pesquisa realizada em 2014, que 79% da população brasileira é contra a legalização da maconha. A bandeira diverge de ideais conservadores predominantes.

A droga pode ser relacionada à realidade da ralé por perspectivas diversas: seja pelo tráfico, seja pelo consumo. Mesmo não explicitado o julgamento aferido na imagem, o uso da droga pode desqualificar o sujeito de que se fala. Se a ordem proposta na citação das drogas vai da mais branda para a mais nociva, supõe-se que a lógica que guia a colocação dos estilos musicais na sequência é a mesma. O axé seria mais aceitável – especialmente considerando que as artistas que representam o estilo, como Ivete Sangalo e Claudia Lette, são celebrizadas, também, entre as classes dominantes –, enquanto o funk seria o mais condenável. O funk surge da necessidade de liberdade, da ânsia por extravasar os dilemas da vida cotidiana. A mulher da ralé é refém do erotismo pastiche: o que ocorre, na maior parte das vezes, é sua objetificação e sua hiperssexualização. A fonte de afeto é limitada ao sexo, que também pode ocorrer em situação de violência. O estilo musical, conforme Souza, é extremamente vinculado à cultura das classes mais baixas, como uma forma de prazer que não se tem na vida privada.

Ao caracterizar o sujeito que “gosta de funk” como “desqualificado”, sugere-se a estereotipização de toda uma classe nesses moldes. Os indivíduos enquadrados no contexto seriam, na conclusão desse raciocínio, os eleitores do PT. Portanto, o que se pretende com a mensagem é evidenciar quem são os apoiadores do maior

alvo da TV Revolta: sujeitos supostamente sem acesso à cultura, à educação e à informação e, ainda, sem dignidade. São desconsiderados os enfrentamentos e os dilemas vividos na ralé e as lutas por ascensão social e demais fatores que os levam a optar pelo partido.

Considerações finais

O discurso da TV Revolta é, sobretudo, um discurso autoevidente, naturalizado na sociedade brasileira. Busca reforçar valores dominantes, reiterando falas que desconhecem práticas diferentes dos estereótipos que afirma sobre outros discursos que partilham o mundo em que esses universos simbólicos se encontram. Trabalham com sentidos comuns orientados para produzir relações de força, mas também para desencorajar setores populares e suas aspirações, desconhecendo seu universo cultural em práticas que silenciam as diferenças para promover um lugar de fala afirmado como verdade.

Na variação das postagens, aparecem os conflitos entre os diferentes lugares de fala. O discurso pretende definir o que é esquerda e o que são os valores da maioria, os valores liberais. Com isso, almeja-se afirmar o que pensa a maioria dos brasileiros que tiveram seu poder de representação confiscado pela ação de um grupo minoritário, centrado em si mesmo e apoiado por aqueles que não contam, porque não têm dinheiro nem cultura. Apropriam-se de palavras e formas buscando afirmar os sentidos de uma sociedade marcada pelos privilégios, pela ausência de autonomia e pela necessidade de controle. Segurança torna-se sinônimo de repressão e domínio do encontro necessário, mas arriscado, da elite com os setores populares, descritos em formas estereotipadas.

Se a superficialidade das formas simbólicas analisadas pode desencorajar a interpretação diante da precariedade do discurso e da simplificação, ao mesmo tempo, é importante considerar esses gestos em relação à cultura na qual se funda o pensamento do brasileiro típico sobre si mesmo. As profundas vinculações desse discurso se conectam com as raízes que fundamentam a cultura brasileira. Amplos setores sociais a assimilaram e se veem nela, refletindo esses valores, mesmo que o façam em conflito com outras culturas que contestem a inferioridade das ideias, que afirmem os direitos e a autonomia dos setores populares.

Em momentos de ascensão dos grupos subalternos, a rebeldia foi transformada em incorporação. A luta simbólica que se analisa não aponta para essa perspectiva. Ao contrário, desenvolve formas legitimadoras, empobrecidas no conteúdo, porém fortes na relação com a cultura dominante. Apostam no constrangimento para inibir debates e promover o silenciamento de opiniões divergentes. As formas simbólicas configuram e traduzem a cultura dos controles e das legitimações, deformando reações dissidentes.

Referências

BOSSI, E. "Entre a opinião e o estereótipo". *Revista Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 32, março de 1992, p. 111-118.

FOLHA DE S. PAULO. *Operação Lava-Jato*. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/>. Acesso em: 18 jan. 2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LIPPMANN, W. *Public opinion*. Nova York: Free Press, 1922.

MARTINS, R.; TRUFFI, R. "A artilharia política no Facebook". *Carta Capital*, São Paulo, 28 Mai. 2014. Reportagem de Capa, p. 25.

MUSSALIN, F.; FONSECA-SILVA, C. *Fórmulas discursivas*. MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). São Paulo: Contexto. 2011.

ROSSI, M. "Brasil entra na discussão mundial sobre a legalização do uso de drogas". *El País*, 20/08/2015. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/19/politica/1440017854_649230.html. Acesso em: 18 jan. 2016.

SOUZA, J. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TELLES, H. *Grupo Opinião Pública*. Disponível em: www.opiniaopublica.ufmg.br, 2015.

TV REVOLTA. Facebook. Disponível em: www.facebook.com/tvrevolta. Acesso em: 04 jun. 2016.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

submetido em: 10 mar. 2016 | aprovado em: 04 mai. 2016